

CINEMA PARADISO

Boletim n. 286

São Paulo, 17 de março de 2011



Próxima reunião: 27/03/2011 - DOMINGO às 16:00 h

**EM UM MUNDO MELHOR
(Heaven)**

Diretor: Susanne Bier (*)

(*) Nasceu em, 15/04/1960. É dinamarquesa de origem judia, formada em arquitetura e está ligada ao movimento Dogma 95. Foi indicada ao Oscar de Filme Estrangeiro por **Depois do Casamento**. Em 2007, fez sua primeira obra em língua inglesa, **Coisas que Perdemos Pelo Caminho**. O filme a ser discutido ganhou o Oscar 2010 de melhor filme estrangeiro e o Globo de Ouro. Dirigiu também: **Corações Livres** (2002), entre outros.

A HEGEMONIA FRANCESA NO INÍCIO DO CINEMA

O surgimento do cinema foi resultado de muitas práticas de projeção de imagens, de brinquedos óticos, pesquisas com imagens ao longo da história. Segundo Flávia Cesarino Costa, os filmes são uma continuação na tradição das projeções de lanterna mágica, nas quais, desde o século XVII, um apresentador mostrava ao público imagens coloridas projetadas numa tela, através do foco de luz gerado pela chama de querosene, com acompanhamento de vozes, música e efeitos sonoros.

Os Irmãos Lumière, em 1895, realizaram o que ficou conhecida como a primeira exibição pública e paga do seu aparelho cinematógrafo, no Grand Café, em Paris. No entanto, sabe-se que o empresário Thomas A. Edison registrou a patente do seu quinetoscópio em 1893. Em 1895, dois meses antes da famosa exibição dos irmãos Lumière, os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição do seu sistema de projeção de filmes – o bioscópio, num teatro em Berlim. Mas a exibição dos Lumière é que ficou famosa.

Os primeiros 20 anos ficaram conhecidos como “o primeiro cinema” e consistiam em exibições curtas que se misturavam ao teatro de variedades. Auguste e Louis Lumière pertenciam a uma família que era a maior produtora européia de placas fotográficas e eles entendiam de negócios e de *marketing*. Após a primeira exibição, eles passaram a fornecer aos *vaudevilles* o suprimento de filmes, os operadores das máquinas e os projetores (que eram bem mais leves que os americanos e não dependiam de luz elétrica, pois eram acionados com manivela). As exibições se misturavam à programação local. Esse tipo de operação garantiu o monopólio dos Lumière no iniciante mercado exibidor por pelo menos uma década.

Em alguns anos, os Lumières ganharam dois fortes concorrentes: George Méliès e a Companhia *Pathé*, ambos produtores e exportadores de filmes para o mundo todo. A primeira década do cinema foi de muitas experimentações, fase chamada de *cinema de atrações*, com histórias bastante fragmentadas. Em 1907, inicia-se uma fase chamada de *transição* (até 1913-1915), caracterizada pelo início da organização do cinema no formato industrial: várias etapas de produção e exibição de filmes, com narrativas mais complexas que chegavam a ter duração de 15 minutos.

Nessa época, a Europa dominava o mercado internacional de filmes, sendo que a indústria francesa era a mais forte. Nessa época

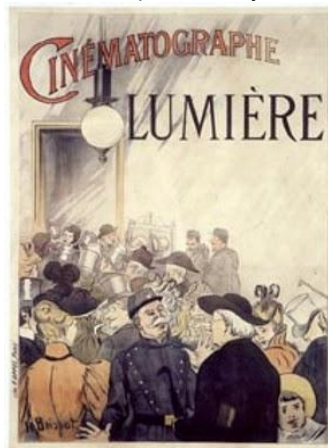
chamada de transição, entre 60% e 70% dos filmes exibidos nos Estados Unidos eram franceses. Principalmente a *Pathé* se expandiu em escritórios no mundo todo, até porque o mercado francês era limitado. A *Pathé* fabricava os filmes, as câmeras, os projetores, além da película para as cópias. Era a maior distribuidora de filmes e ainda representava outras companhias. Outra produtora que ganhou força na Europa e no mercado norte-americano foi a *Gaumont*, que possuía o maior estúdio do mundo.

A troca entre o cinema europeu, principalmente francês, não era apenas comercial: houve intenso diálogo de técnicas de filmagem e estilos entre os dois continentes. Apenas um exemplo interessante: havia diferenças no posicionamento da câmera: enquanto nos Estados Unidos realizavam a filmagem com a câmera na altura dos ombros, na *Pathé* os cineastas franceses rodavam os filmes com a câmera na altura da cintura. Quando, em 1913, os franceses começaram a filmar do jeito dos americanos, em que a pessoa é enquadrada a partir dos joelhos (câmera na altura do ombro), denominaram esse enquadramento de *plano americano*. E, entre os americanos quando passaram a enquadrar os atores numa linha a quatro metros da câmera, denominaram *primeiro plano francês*. Diferenças na montagem, nos usos dos planos e contraplanos, da profundidade de campo, em todas essas técnicas e estilos que deram suporte ao desenvolvimento da linguagem cinematográfica nascente, houve muitas trocas entre europeus e americanos.

O grande marco que abalou esse fluxo foi a primeira guerra mundial que provocou queda brutal da produção cinematográfica na Europa. Nos Estados Unidos, o cineasta D.W. Griffith, ganhou destaque realizando centenas de filmes pela produtora *Biograph*, inclusive o primeiro longa-metragem e o primeiro fenômeno de público da história do cinema: *O Nascimento de uma Nação* (1915). Nasce o cinema hollywoodiano. Os franceses se encantaram com Griffith, Cecil B. DeMille, Charles Chaplin, entre outros. Nunca mais o cinema norte-americano deixou de ter supremacia mundial.

Cláudia Mogadouro

Fonte: COSTA, Flávia Cesarino. O Primeiro Cinema in: MASCARELLO, F (org) História do Cinema Mundial, Campinas: Editora Papyrus, 2006.



O BELAS ARTES NÃO VAI MORRER HOJE!

É um local não apenas com um passado importante mas com um presente vivo e pulsante. Por isso decidimos manter o cinema aberto até o limite

Em algum momento dos anos 70, quando eu era bem novo, meus pais me levaram a um cinema para assistir a um filme diferente, no qual quase ninguém falava.

Foi a primeira vez que fui ao Belas Artes e o filme era o magnífico "Meu Tio". Nos anos 80, foi lá que virei cinéfilo, assistindo ao melhor do cinema mundial.

Em 1984, comecei a participar do Cineclube da GV. A partir daí, minha vida sempre esteve ligada aos filmes. Particpei da criação dos cineclubes Oscarito e Veneza, da restauração do Vitrine, da implantação da Sala Cinemateca. Mas meu sonho sempre foi o Belas Artes.

A oportunidade surgiu no final de 2002, quando soube que o cinema fecharia suas portas. Procurei o dono e propus uma parceria.

Ele pensava em sair da atividade, mas me deu tempo para conseguir parceiros. Foi quando meus amigos Andréa Barata Ribeiro, Fernando Meirelles e Paulo Morelli entraram na aventura e conseguiram trazer um importante patrocínio para fazermos as reformas necessárias.

Nesses oito anos, foram muitas histórias divertidas e emocionantes. E a alegria de ver o antigo cinema vivo e ativo. O "Noitão" virou um hit, com suas sessões lotadas varando a madrugada. Tivemos o cineclube e os filmes em cartaz por muito tempo.

Em março passado, nosso patrocinador avisou que não renovaria o contrato. Em maio, anunciei à imprensa a necessidade de um patrocínio, pois as contas não fechavam.

Começaram então as manifestações de apoio. Na imprensa, na internet, no cinema, pessoas querendo ajudar.

Uma fã criou um blog que em poucos dias tinha mais de mil pessoas inscritas.

O La Casserole liderou junto a outros excelentes restaurantes da cidade a campanha "Tudo pode dar certo". Um grupo de frequentadores e alguns funcionários criaram um abaixo-assinado.

Numa tarde, tomando café com uma amiga, notei uma senhora que convidava as pessoas a assinar. Então ela se virou para nós e

perguntou, muito severa: "Jovens, vocês já assinaram?". Fiquei sem graça de dizer quem eu era e de perguntar o nome dela, mas fica aqui meu muito obrigado a essa senhora e a todos os que colocaram seus nomes no abaixo-assinado.

Em dezembro, quando finalmente tudo estava acertado com o novo patrocinador, fui informado pelo proprietário de que ele queria o imóvel de volta. Foi duro, depois de tanto esforço com o novo patrocínio, ver tudo perdido. E imaginar o Belas Artes fechado.

No início de janeiro, tive um dos dias mais tristes da vida quando comuniquei aos funcionários que o cinema fecharia. Decidi fazer naquele mês uma celebração do "espírito" Belas Artes, e não um funeral.

No dia 6, a **Folha** fez a primeira matéria sobre o fechamento. Foi um "tsunami". Toda a mídia passou a falar do assunto. Foi o tema mais citado no Twitter por dois dias. Houve passeatas e mais abaixo-assinados, além de uma mobilização popular como eu nunca havia visto por um tema cultural.

Em poucos dias, vimos o seguinte cenário: o prefeito, vereadores, entidades, pessoas e empresas ligando para saber como ajudar, o Compresp votando estudo para o tombamento do imóvel onde o cinema está e mais de 70 mil pessoas no Facebook em defesa do cinema

Eu sabia que o Belas Artes era querido, mas esse apoio foi muito além do que eu poderia imaginar.

É um local não apenas com um passado importante mas com um presente vivo e pulsante. Por isso decidimos manter o cinema aberto até o limite, na data de hoje.

Teremos as últimas sessões nesta noite. Esperamos todos os amigos e apoiadores. Gostaria de agradecer a todos que tanto ajudaram. Fecharemos as portas, mas não o cinema.

Se o tombamento for aprovado e o proprietário nos procurar, reabriremos o cinema em seu endereço tradicional. Se não, o Belas Artes renascerá em outro endereço para os amantes do bom cinema. O Belas Artes não morre hoje!

ANDRÉ STURM é cineasta e diretor do Cine Belas Artes

Texto publicado na Folha de S. Paulo em 17/03/2011 na coluna Tendências e Debates

MERTEN E O JAPÃO

Trecho do comentário/artigo do blog do Merten

Não tenho tido coragem de encarar o tema da tragédia do Japão. A gente vê tantos filmes catástrofe de Hollywood, mas aí uma catástrofe de verdade nos deixa aturdidos. Talvez porque o roteirista (Deus?) não segue uma regra básica. Em geral, existem filmes sobre terremotos ou tsunamis ou ameaças nucleares, mas misturar as três coisas supera qualquer ficção e só mesmo a realidade pode fazer. (...) Para os japoneses, deve ser terrível. Confrontados com o próprio passado, revivem a tragédia de Hiroshima e Nagasaki num desastre que pode

ser muito maior. Nestes momentos, confesso que gostaria de acreditar num Pai misericordioso, a quem pedir socorro para todos os sofredores.

15/03/2011- Luiz Carlos Merten – <http://blogs.estadao.com.br/luiz-carlos-merten/japao/>

Sugestão da Claudinha: ao ver as notícias sobre o Japão e ler esse comentário do Merten, fiquei com vontade de rever **Rapsódia em Agosto**, de Kurosawa.

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>

CINEMA E PSICANÁLISE: A PULSÃO E SEUS DEMÔNIOS

O Curso de Cinema e Psicanálise será ministrado por Maria Lucia Homem, psicanalista, de 22 de março a 14 de junho, sendo 13 encontros, todas as terças-feiras das 20 às 22 horas.

O curso abordará alguns diretores e algumas obras como Michael Haneke: *A professora de piano* (2001) e *A Fita Branca* (2009); Akira Kurosawa: *Ran* (1985) e *Trono Manchado de sangue* (1957); Cronenberg: *Crash* (1996) *Marcas da violência* (2005); Nagisa Oshima: *Império dos Sentidos* (1976); Alain Resnais *Hiroshima mon amour* (1959); Pasolini: *Saló* (1975); o brasileiro Karin Ainouz: *Madame Satã* (2002) entre outros. Reservas: fone (11) 2129-8391 ou e-mail: mlhomem@gmail.com

Valor do curso: 3 X R\$ 270,00, Encontro avulso: R\$ 80,00

Local: Rua São Firmo, 40 – Alto de Pinheiros – S.Paulo/SP

COTAÇÃO 2011

Tetro.....	9,57
Lixo Extraordinário.....	8,96
Biutiful.....	8,85
O Concerto.....	8,63
Trabalho Interno.....	6,62
Cisne Negro.....	6,60